



Fauna & Cia.

Renato Suttana



Renato Suttana

Fauna & Cia.

Renato Suttana

Fauna & Cia.



Ficha técnica

Título: Fauna & cia.

Autor: Renato Suttana

Publicação da versão final: junho de 2021

Editora: ARS

Local: Dourados-MS

ISBN: 978-65-00-25962-9

link para e-book na internet:

http://www.arquivors.com/renato_faunaecia.pdf

Capa: J. C. Franco (sobre
pintura de Henri Rousseau)

Este livro foi disponibilizado para acesso gratuito na internet pelo autor. Direitos de reprodução reservados.

*“Que bicho é o homem
de onde ele veio
para onde vai?”*
(Francisco Carvalho)

*“Estamos bem providos em nossa fauna: tucano, vira-lata, gato
angorá e ratazanas a dar com pau...”*
(Raduan Nassar)

“Big man, pig man, ha ha charade you are”
(Roger Waters)

*“Afinal, se o leitor zurra, que ele também zurre para ser bem
compreendido. E fica isso, uma récua zurrando em unísono,
mostrando-se sábios, superiores, porque eles sabem que é
impossível engarrafar o vento.”*
(Luis Nassif)

*“Mais parmi les chacals, les panthères, les lices,
Les singes, les scorpions, les vautours, les serpents,
Les monstres glapissants, hurlants, grognants, rampants,
Dans la ménagerie infâme de nos vices...”*
(Charles Baudelaire)

a Aldir Blanc

Índice

O bicho em pessoa.....	9
O Sapo.....	11
A Tartaruga (I).....	12
O Avestruz.....	13
A Serpente.....	14
O Escaravelho.....	15
O Lagarto.....	16
A Galinha (I).....	17
O Pavão.....	18
O Pato (I).....	19
A Tartaruga (II).....	20
O Baiacu.....	21
A Traíra.....	22
O Pato (II).....	23
O Tucano.....	24
O Frango.....	25
O Babuíno.....	26
O Salmão.....	27
A Galinha (II).....	28
O Canguru.....	29
O Porco.....	30
Híbridos e postigos.....	31
A Ovelha.....	33
O Louva-a-deus.....	34
O Porco-da-terra.....	35

O Moscardo.....	36
O Tubarão-martelo.....	37
O Rato.....	38
O Cuco.....	39
O Peixe-serra.....	40
A Minhoca.....	41
O Escorpião.....	42
O Centauro.....	43
O Minotauro.....	44
A Sereia.....	45
A Esfinge.....	46

O bicho em pessoa

O Sapo

Este sapo ficou por quinze meses
sobre uma flor — disseram-me — sentado,
indiferente às chuvas e aos reveses
da crítica, que o tinham fustigado.

Mestre de tão sutil jurisprudência,
por outro tanto ou mais se sentaria,
com igual suspicácia e igual sapiência,
a esperar pela mosca de algum dia.

Admirá-lo? É possível, pois sua arte
não é para qualquer, nem seu estilo,
ou a prosápia do seu estandarte.

Já o mais difícil, mesmo, nesta quadra
torta, em que rato ruge e gato ladra,
o mais difícil, caros, é engoli-lo!

A Tartaruga (I)

Tartaruga experiente, minuciosa,
sabe atrasar um passo, um julgamento;
não dá seu parecer à chuva e ao vento,
mas o tem por empresa valorosa.

Seu natural, madame, é ser morosa,
sisuda e detalhista no argumento,
de modo a não errar o lançamento,
que estuda assim com atenção viciosa.

No entanto às vezes sabe antecipar-se,
desdobrando-se em coisa rapidinha,
conforme as conveniências do disfarce.

(Não foi à toa que venceu aquela
corrida que se conta na historinha,
derrotando uma lebre tagarela.)

O Avestruz

Quem disse que esse pássaro é mesquinho,
de refugar (conforme o povo inventa),
de meter a cabeça em buraquinho
quando à frente o perigo de apresenta?

Ah, mas depende de qual seja o caso!
Há que entender a situação em tela,
mensurar bem a lei, compor o prazo —
cozer com calma o galo na panela.

São as duas feições da conveniência:
audácia e brio, a depender do dia;
e o estado por razão, conforme a urgência.

(E, em sendo o caso, a viola entra no saco:
o *por cento* é no bolso, a valentia
na sacola — e a cabeça no buraco.)

A Serpente

Seu ovo se chocou numa bacia
de dólares, ao fundo de uma gruta.
E o filhote — trazido à luz do dia
e cuidado à maneira de uma fruta

exótica, com zelos admiráveis,
por trezentas babás (que o conduziram,
levando-o ao povo, extremas e amoráveis) —
mordeu furioso aqueles que o nutriram.

Hoje se dissemina de tal modo
sua peçonha pelos quatro cantos,
que envenena — acredito — o mundo todo.

(E antídoto não há para o seu dente,
que vai corroendo a carne internamente
e se reproduzindo em outros tantos.)

O Escaravelho

Faz muitos anos já que vem rolando
seu precioso tesouro, altivamente,
todo entregue ao labor profuso e urgente,
por desertos e selvas se esforçando.

Campeão do estrume e digno combatente
nesses assuntos de ir acumulando,
seu patrimônio foi multiplicando
e de enorme fortuna hoje é gerente.

Mas há nisto um enigma que me atíça:
é que ele, da imundície milionário,
sempre esbanjou seu ouro, perdulário,

dividindo-o e rolando-o sem preguiça
pela Internet afora — onde ainda o esbanja
entre uma grei que o acolhe, exalta e *manja*.

O Lagarto

De arte não sei, compadre, mais sutil
que a de assaltar à sombra o ninho alheio;
e outro lugar não acharemos — creio —
onde a pratiquem como no Brasil.

Dessa mágica é mestre percuciente,
reptiliano; mas há de ser também
a desses que, malandros, ora vêm
roubar à luz do dia o que é da gente.

E (tal como em assuntos de furtar,
o outro bicho, apesar do não-me-importa
e da calma com que entra num lugar,

é indiferente e surdo feito porta)
esses, sem ouvir grito nem berreiro,
assaltam calmamente o galinheiro.

A Galinha (I)

Para botar um ovo desse porte
é necessário ser quase um gigante,
dado o tamanho dele, impressionante,
que não sei de outro bicho que o suporte.

Mas, se não for só coisa de tratante
(como se criar pinto fosse esporte),
cabe admitir: não foi por mera sorte
ou tacada bisonha de iniciante.

Esse ovo implica o estofo da experiência
e, mais do que experiência, anatomia
e uma dose admirável de paciência.

E agora vem à luz, como um troféu
ou — branco e inusitado —, em pleno dia,
como um recorde que ninguém bateu.

O Pavão

Alimentado com o pão-de-ló
do *data venia*, que abundantemente
engoliu desde a idade adolescente,
com um voluntarismo de dar dó,

hoje tem, já, plumagem suficiente
para maravilhar sábio e bocó
e para impor o seu borogodó
de grande autoridade a toda a gente.

Deixou faz tempo a juvenil penugem
de avezinha mirrada, quintaleira,
que ciscou por terreiros de rabugem.

Deem-lhe um mote, e já verão sua arte
e o modo como se abre a cauda inteira
a cada nova adenda, a cada aparte.

O Pato (I)

Esse pato já esteve mais inflado,
já foi mais combativo, mais valente;
já andou pelo terreiro, renitente,
a grasnar contra o imposto — exorbitado.

Pato gordo e vistoso, mas recheado
(apesar do barulho) de ar somente,
que se deu aos ingênuos de presente,
fazendo-se de altivo e de rogado;

que, de alto a baixo, em todo o galinheiro,
cantou de galo — o pato aventureiro,
topa-tudo e patusco, em pleno agosto;

mas que no fim, conforme a vida empata,
murchou, patife, e escapuliu do posto:
patranheiro — e grão filho de uma pata!

A Tartaruga (II)

Antes do golpe, não: que ela não chega.
Noutros casos até vence a corrida:
desliza, voa — é um bólido —, escorrega,
dispara em quinta marcha na descida.

Mas não antes do golpe. O golpe a prega
no chão e a deixa assim amortecida,
com um ar jururu de quem carrega
sobre as costas o fardo de uma vida.

Se é para defender a honra e o bom nome
da casa, vai num pulo, num galope,
vai como doida, como quem tem fome.

Porém não se equivoque o fabulista:
lebre, lesma, Ferrari, ostra ou ciclista —
todos a vencem, se não vem o golpe!

O Baiacu

Contanto que não queiras engoli-lo
ou que, de qualquer modo, não o toques,
ou que a certas questões não o provoques,
é peixe regular e até tranquilo.

Caso, entanto, ignorando o seu estilo,
contra ele um dia, sem pensar, te choques
(na imensa distração dos teus enfoques),
descobrirás um grão de crocodilo.

Verás que por debaixo do peixinho
se esconde, inadvertido, um espinheiro
que há de ser como pedra em teu caminho.

E verás que à menor provocação
(preconceitos, razões, causas, dinheiro)
o seu vazio interno infla em balão.

A Traíra

Não merece esse peixe ser chamado pelo teu nome. Mas tu sabes bem que nos dias atuais (de país golpeado) não cabem privilégios a ninguém.

Numa época em que tudo anda virado, a honra vira, e a razão vira também, de modo que o tal peixe, revirado, sem muita sobra ou falta, te convém —

até porque (percebo) está na moda ser *traíra*, conforme a conveniência, ajudando a girar a infame roda.

(Agora, se a *trairagem* é da idade, então vale a suspeita: é da impotência, muito mais que do estilo ou da hombridade.)

O Pato (II)

La vem o pato: pato empavonado,
pato patusca, pato gazeteiro,
pato *a la mode*, pato brasileiro —
sobre a grama, no lago, no telhado.

Na avenida marchou bem escoltado,
como se aquilo fosse um galinheiro:
pato perro, pateta e patoteiro,
que no fim nem deu caldo, de empatado.

Pato que prometeu e não cumpriu,
que foi ver o que é que há, mas de repente
deu no pé e numa curva se sumiu. —

Ouve, amigo, esse pato assim farsante,
é cavalo de Troia de meliante,
deixado à nossa porta, de presente.

O Tucano

Com seu enorme bico, até parece
bicho das velhas lendas de outra idade:
que não tem compromisso com a verdade
(e que de ser verdade nem carece).

Ave que de outras aves não tem pena,
invade o alheio (ninho) sem pesar:
fura e, se a lei não grita nem condena,
tira do que lá encontra o seu jantar.

Isso, entanto, não faz crescer o bico,
que é da família bem mais um emblema
do que capricho vão de novo-rico.

(Se o quiseres julgar com isenção,
leva também em conta a gula extrema
e o tamanho do papo — em que é campeão.)

O Frango

Este frango, senhora, não dá canja,
apesar dos esforços que sem pausa
fizemos de estufá-lo lá na granja
com a ração do estilo e de uma *causa*.

Mesmo criado entre rendas e comendas,
nunca evoluiu em galo; e na panela
sempre ficou aquém das encomendas,
descendo de través por nossa goela.

Logo se vê que é frango de segunda,
que apesar do tempero e da abobrinha
não leva a parte alguma, nem “redunda”.

Este frango (e não o digo por esporte
ou capricho), conforme se adivinha,
é pegar ou largar. E o resto é sorte.

O Babuíno

Babuíno, cuja estirpe retrocede
a milhões de anos de obnubilação
e cuja real grandeza a gente mede
mirando a tela da televisão,

lá está, por ansiedade, fome ou sede,
a meter na cumbuca a grande mão,
como um simples novato que se excede
e vê tomada em fuças de leitão.

Lá está, como um calouro cuja inépcia
ultrapassa qualquer teoria ou mote,
mesmo os mais desenvoltos, desde a Grécia;

a meter-se em assuntos que não sabe,
cuja monta em seu cérebro não cabe —
mas que ele ataca feito um Dom Quixote.

O Salmão

Ficaria perfeito num *sushi*,
não fosse o sonho de avançar a muque
e a embromação, que não há quem eduque —
a mais perseverante que já vi.

De déu em déu vai, como um colibri,
aperfeiçoando a cada volta o truque.
(E que ninguém se iluda com o seu *look*,
pois é mais incivil que um javali.)

Foi assim, pois, nadando — aceso e intenso —
contra o fluxo ou corrente do bom senso,
que alcançou o seu ponto de desova:

onde se gerará, na incontinência,
sua longa, incansável descendência,
que, já obsoleta, é de algum modo *nova*.

A Galinha (II)

Para botar esse ovo foi preciso
muita pena e um esforço coletivo
de presenteá-lo ao mundo ainda indeciso,
trazendo-o à luz no instante decisivo.

Foi necessário ser gorda galinha,
dado o tamanho do ovo e desse pinto
que dele saiu: com jeito de indistinto,
mas galo, enfim, de uma futura rinha.

Foi preciso talvez, compridamente
e com calma, chocá-lo em ninho quente,
fornado com a palha dos milhões:

porque era de outro bicho e na ninhada
exigiu certamente uma empreitada
de cobras, ratos, corvos e furões.

O Canguru

Levando em seu marsúpio um milionário que a justiça adotou maternalmente, vai num ágil esforço, extraordinário, alcançar o futuro, que presente.

Obstáculo ou razão que se apresente ou qualquer empecilho do cenário, ele os salta, os transpõe rapidamente, sendo o vento a favor, sendo contrário.

Mais importante é proteger a cria contra toda incerteza e intervenção da polícia, que às vezes se desvia.

Por isso vai assim, de pulo em pulo, acelerando o passo, ardente e furo, como quem foge de uma assombração.

O Porco

Tudo afinal redundando em porcarias,
que é o seu principal modo de expediente,
por mais alto que suba a fantasia,
por mais árduo o vigor, por mais valente.

Queres progresso, queres melhoria?
Queres que a carroça ande para a frente,
que ao fim da noite venha um novo dia?
Pois não há impasse que ele não enfrente.

Na entrevista, coitado, é inevitável
que lhe escape algum suíno pensamento,
a produzir na imprensa horrendo efeito.

Num chiqueiro estaria confortável,
mastigando a batata do momento,
com umas porcas tiradas de confeito.

Híbridos e posições

A Ovelha

Não conheço, madame, ovelha (juro)
capaz de comer pedra (e outras tranqueiras).
Mas esta com certeza é páreo duro
e pastaria até nossas lixeiras.

Tais são as novidades brasileiras,
que, inventando a pecuária do esconjuro,
a seu modo antecipam o futuro,
deixando muito atrás as corriqueiras.

Queres ter esta espécie em teu rebanho?
Toma o seu peso, mede o seu tamanho,
calcula e vê se cabe em tua vida.

Leva-a sob o bastão dos tribunais;
dá-lhe o aprisco da ideia pré-cozida
e alimenta-a com o sebo dos jornais.

O Louva-a-deus

Essa pose conspícua, religiosa,
de quem não tem pecados a purgar,
pode até, meus amigos, enganar
uma vista embaçada e nebulosa.

De perto, entanto, é bem menos bonito,
com seu jeito servil, de pedinchão,
que venderia aos hunos um irmão
ou o pai, por uma asa de mosquito.

Porém é mais de perto que notamos
que o seu abraço, em que nos apertamos,
é como uma armadilha aliciante.

E quem nele procura acolhimento
vai do espanto ao desastre num instante,
pagando com o pescoço o atrevimento.

O Porco-da-terra

Porco e tatu num todo só fundidos:
porco pelo direito de fuçar
mistérios que não sabe deslindar,
e tatu pelos modos recolhidos;

porco pelo costume de roncar
conceitos não sei como produzidos;
mas tatu pela força dos pruridos
que dá o labor diuturno de cavar.

Porco porque está sempre a mastigar
o grão indigerível dos partidos,
e tatu quando foge, a se esgueirar

por buracos e túneis escondidos:
porco pela aspereza dos grunhidos,
e tatu porque a terra é seu lugar.

O Moscardo

Voando sobre uma pétala amarela,
faz o ar estremecer com seu zumbido,
que é grosso, competente e decidido,
embora a nuance nunca seja bela.

Noutras vezes o ruído se esfarela
num confuso cri-cri, mal definido,
que disfarça o estilete bem comprido
cuja intenção por baixo se revela.

Domina bem o *timing* (ou o que seja)
de perseguir um parvo em campo aberto,
coisa que o tribunal também deseja.

Tanto canta e ferroa que, ao ouvi-lo
zumbir na tarde, ninguém sabe ao certo
se é de fato um moscardo ou se é um grilo.

O Tubarão-martelo

Pelo enorme fragor da martelada
se pode calcular a força dele,
bem como o horrível ímpeto que o impele,
qualquer que seja a aposta da rodada.

Mas é pelo contorno da dentada —
que leva juntos músculo, osso e pele —
que se entende melhor quem seja ele
e o real sentido da sua empreitada.

Insatisfeito de só martelar,
também corta com o dente, sem piedade
ou escrúpulos de hora e de lugar. —

Lei não existe que não abocanhe,
nem fortuna ou valor de autoridade
que o seu instinto fundo não assanhe.

O Rato

(inspirado numa charge de Renato Aroeira)

Rato que em outro rato anda enganchado
é coisa que não vemos todo dia;
tampouco assim: dançando melodia
que os arrebatava num sutil bailado.

Rato que de outro rato se homizia
nem é raro; porém rato emendado,
num só cordão de rabos implicado,
é assunto que o bom senso contraria.

E agora surge este outro, musicista,
que faz do alheio rabo um instrumento,
soprando-o e se fingindo de flautista...

Haja espanto e mistério mais sutil! —
E haja concentração de pensamento
para entender a fauna do Brasil!

O Cuco

Sempre que vem ao caso ele aparece,
pontual e decisivo, confirmando
coisas que os jornais andam aventando,
suspeitas de que o povo não se esquece.

Com um *timing* incrível, despontando
por cima da onda, que não arrefece,
canta a cantiga do “acho”, “me parece”,
e outros motes que vai colecionando.

Mas, apesar de ser pássaro ativo
(que enquanto derem corda não se cansa),
às vezes falha, por algum motivo:

falta e não vem, talvez por nostalgia
do outro bicho que foi quando criança —
ave que em ninho errado se mal cria.

O Peixe-serra

Peixe-serra com porco não dá cruzar,
a não ser na poesia. Mas aqui,
neste país onde tudo se usa e abusa,
raposa vira sapo e onça, sagui.

Então não haja espanto se um siri,
ao sair da casca, inventa nova blusa:
vira peixe (e bagunça o sambaqui)
e depois serra, sem qualquer escusa.

No entanto para porco falta um trecho
que ele percorre acelerando a roda;
e lá está o porco-peixe, no desfecho.

Se tiveres, compadre, a explicação
guarda-a contigo para outra ocasião —
que não ter juízo agora está na moda.

A Minhoca

Minhoca antes do réptil que interpreta,
quer passar-se por ávida serpente:
arma o bote, contorce o lombo, excreta
sua bile-veneno; e é insuficiente.

Capricha no adereço da trapaça,
sempre aumentando a aposta da jogada;
tem por meta, apesar de desdentada,
morder os calcanhares de quem passa.

Talvez um dia alcance, instável e oca,
botar ovos de cobra na tevê,
façanha extrema para uma minhoca.

Mas por enquanto ensaia essa arte falha
de impressionar os olhos de quem vê,
antes que a engula um corvo ou uma gralha.

O Escorpião

De cordeiro passou rapidamente
a lobo, sem nenhuma transição;
e de lobo mudou: virou serpente,
mas serpente com rabo de pavão.

Macaco foi um dia, brevemente,
fingindo-se de sério e sabichão;
mas se mudou em rato de repente
e de rato chegou a escorpião.

No escorpião parou, porque a peçonha
o impediu de ir adiante nessa empresa
(e não foi por critério de vergonha).

Sapo que dele um dia se fez sócio
sentiu no lombo a incúria do negócio
e entendeu bem a sua natureza.

O Centauro

(barroco)

Ágil, veloz, ativo e decidido,
por arguto, valente, intenso e franco,
não o cavalga cavaleiro manco,
quanto menos ginete sem partido.

Aliás, ele é seu próprio cavaleiro
e sua própria sela e montaria,
que por sério, veraz, duro e altaneiro,
toma, avança, rebate e não esfria.

Questão difícil, que não se esclarece
entre mantas, esporas ou arreios,
é saber com que bicho mais parece:

quando cavalgadura, entre escoiceios;
se cavaleiro, sem estribo ou rédea;
se ambos, o indiscernível dessa média.

O Minotauro

A cabeça de touro não perturba
o corpo, que ainda segue sacudido,
que tanta coisa tem visto e sentido
e assim já não se espanta, não se turba.

As ideias, no entanto, é que ainda insistem
em carrear para dentro desse embrulho
os dois chifres do bicho, cujo orgulho
é um atavismo de que não desistem.

E com tais armas vai, assim chifrudas,
administrar uns vinte labirintos
de que conhece todos os recintos.

Se algum Teseu lá entrar com sua espada,
do homem tema as astúcias cabeludas
e do touro a potência da chifrada.

A Sereia

Quase sempre é só peixe: nada peixe,
respira peixe, pensa peixe, agita
a barbatana e o rabo, que se mexe
peixemente através da água finita.

Outras vezes aflora em peixe-gente:
pensa gente, se move gente, canta
com tal dulçor que o nosso ouvido encanta,
a ponto de perder-se humanamente.

Quando peixe, é só guelra e escama: truta,
bagre, marlim, robalo, atum, cavala
nadando em água indefinida e rala.

Mas, quando gente, é coisa mais cantante:
melodiosa, milagre de um instante
a pescar pela orelha quem o escuta.

A Esfinge

A efígie é a da República, e não mente,
com a cara aprazível e lavada
de jovenzinha rica e bem-criada;
mas o corpo é de leoa certamente.

Seu aspecto é saudável, excelente,
de fresca, agradecida namorada,
que nos espere à margem de uma estrada
por alguma campina florescente.

A outra parte, porém, com sua garra
e o rabo e os grandes músculos de leoa,
sem cerimônia vem e nos agarra,

enunciando a pergunta incompreensível,
cujo enigma feroz nos atordoia,
nalguma encruzilhada indecidível.

Dourados/Buenos Aires, julho-agosto de 2016

RENATO SUTTANA (n. 1966) é de Barroso-MG (Brasil). Professor universitário, escritor e tradutor, publicou livros de poesia e ensaios, entre os quais *Bichos* (2005), *Bichos imaginários* (2013), *Rapinário* (2015), *Quando me abriam portas* (2016), *Indigestos e purgativos* (2016), *Lição de economia* (2018), *Música de pianola* (2018), *Opinionautas* (2012/2019) e *O esquecimento necessário* (2020). Tem poemas incluídos em coletâneas e revistas literárias do Brasil e de Portugal. Mantém na internet o site “O Arquivo de Renato Suttana”.

Este livro eletrônico foi preparado e é
distribuído por
O Arquivo de Renato Suttana
<http://www.arquivoors.com>
(Direitos reservados)

